

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Bárbara Kuhn

**REDES SOCIAIS E ECOFEMINISMO: FERRAMENTAS DE UMA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA**

**Santa Maria, RS
2018**

Bárbara Kuhn

**REDES SOCIAIS E ECOFEMINISMO: FERRAMENTAS DE UMA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL TRANSFORMADORA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental**.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Edelvar Correa Peres

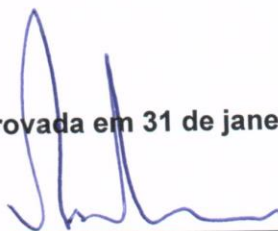
Santa Maria, RS
2018

Bárbara Kuhn

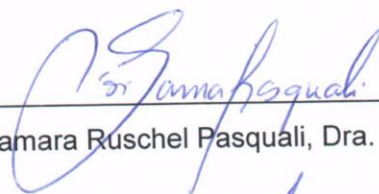
REDES SOCIAIS E ECOFEMINISMO: FERRAMENTAS DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental**.

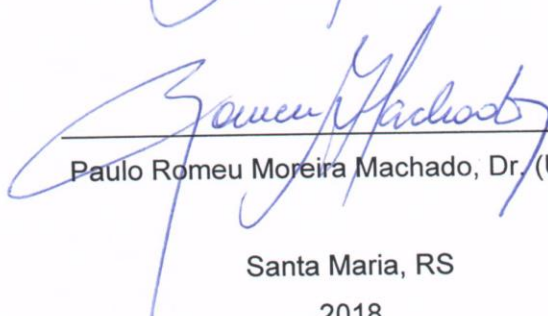
Aprovada em 31 de janeiro de 2018:



Paulo Edelvar Correa Peres, Dr. (UFSM)
(Presidente Orientador)



Isis Samara Ruschel Pasquali, Dra. (UFSM)



Paulo Romeu Moreira Machado, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS

2018

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo apoio e suporte durante todos os meus desafios, em especial os acadêmicos, por sempre apoiarem minhas escolhas e decisões e por me amarem incondicionalmente, amo vocês.

Aos meus amigos e colegas de curso, por me acompanharem nessa pequena jornada, partilharem seus momentos, suas ideias e um pouco de suas vidas nos dias que estivemos juntos. Principalmente, obrigada Andressa, Mari, Oa, Thales, Tom e Vandri, por além de colegas de especialização serem também amigos, desejo o melhor para vocês. Bruna, Jamile e Renan, obrigada por estarem comigo na boa e na bad, amo vocês.

Aos professores por nos ensinarem, por abrir espaços para os debates e por nos instigarem a ser ainda mais. Um agradecimento especial ao professor Dr. Paulo Peres, por aceitar me orientar, sem restrições e me apoiando totalmente, obrigada por comprar essa luta comigo.

Às mulheres, principalmente as meninas dos grupos no facebook, que abriram seus corações e experiências para que eu pudesse construir esse trabalho. Muito obrigada à todas as mulheres, que continuam lutando por uma sociedade justa para nós e também para o ambiente.

RESUMO

REDES SOCIAIS E ECOFEMINISMO: FERRAMENTAS DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA

AUTOR: BARBARA KUHN
ORIENTADOR: PAULO EDELVAR CORREA PERES

O uso das redes sociais, como o Facebook, vem crescendo a cada dia. Esse aumento permitiu que não só movimentos sociais, principalmente os de lutas de gênero, raça e classe, ganhassem destaque, como também modificou as formas de informação e transmissão de conhecimentos. Mulheres de todo o país tem utilizado grupos no Facebook, muitos deles com o viés ecofeminista, para trocar experiências e aprendizado. Para compreender como esses grupos poderiam servir como ferramenta de Educação Ambiental, 157 mulheres participantes de grupos variados responderam um questionário sobre de que forma utilizam e participam desses fóruns. A idade das entrevistadas foi entre 18 e 34 anos para 91% das mulheres e 89% delas se consideram feminista. A maioria delas acredita que as trocas entre as mulheres são uma rede muito importante de empoderamento, pois muitas vezes a iniciativa e a vontade já eram presentes mas faltavam as informações e as experiências de outras mulheres para uma maior compreensão. A partir dessas trocas 98% delas conseguiram modificar ao menos um tipo de atitude em relação à si mesmas e ao meio ambiente. Apesar das limitações ocasionadas pelo uso da internet, essas mulheres também transmitem conhecimento para além da tela, em suas famílias, trabalho e comunidade no geral. Para que outras mulheres também possam acessar esse tipo de conteúdo, uma lista de grupos e suas mais variadas temáticas também foi produzida.

Palavras-chave: Feminismo. Sororidade. Facebook®. Meio Ambiente

ABSTRACT

SOCIAL NETWORKS AND ECOFEMINISM: TRANSFORMING TOOL IN ENVIRONMENTAL EDUCATION

AUTHOR: BARBARA KUHN
ADVISOR: PAULO EDELVAR CORREA PERES

The use of social networks, such as Facebook, has been growing every day. This increase has allowed social movements, especially those of gender, race and class, to gain prominence, but also changed information and knowledge transmission. Women across the country have used Facebook groups, many with an eco-feminist bias, to exchange experiences and learn. To understand how these groups could serve as an Environmental Education tool, 157 women members of varying groups answered a questionnaire about how they use and participate in these forums. The medium age was between 18 and 34 years for 91% of women and 89% of women consider themselves feminist. So most of them believe that exchanges between women are a very important network of empowerment, often the initiative and the will were already present but lacked of information and experiences of other women for a greater understanding and from these exchanges 98% of them managed to modify at least one type of attitude towards themselves and the environment. Despite the limitations caused by the use of the Internet, these women also transmit knowledge beyond the web, in their families, work and community in general. In order for other women to access this type of content, a list of groups and their various themes was also made.

Keywords: Feminism. Sorority. Facebook®. EnvironmentalY

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-	Locais onde as mulheres acessam a Internet.....	15
Gráfico 2-	Idades das entrevistadas.....	16
Gráfico 3-	Respostas para as perguntas: A: Você acredita na Internet como ferramenta de Educação? B: Você acredita que grupos no Facebook podem ser uma ferramenta de Educação?	17
Gráfico 4-	Respostas das entrevistadas para a pergunta: - Você se considera feminista?	23
Gráfico 5-	Resposta para a pergunta: Você conhece o que é ecofeminismo?	24
Gráfico 6-	Os hábitos que as entrevistadas dizem ter modificado.....	26
Gráfico 7-	Como as mulheres consideram sua atividade nos grupos do <i>Facebook</i>	27
Gráfico 8-	Frequência que as entrevistadas afirmam passar as informações do grupo para além da <i>Internet</i>	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
1.2	OBJETIVOS.....	10
1.2.1	Objetivo geral.....	10
1.2.2	Objetivos específicos.....	10
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1	A QUESTÃO AMBIENTAL E AS RELAÇÕES HUMANAS.....	10
2.2	MEIO AMBIENTE E MULHER: O ECOFEMINISMO.....	13
2.3	REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	15
3	MATERIAIS E MÉTODOS.....	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
5	CONCLUSÃO.....	29
6	REFERÊNCIAS.....	30
7	GLOSSÁRIO.....	34
8	APÊNDICES.....	36
8.1	APÊNDICE A – Questionário aplicado.....	37
8.2	APÊNDICE B – Lista de grupos do <i>Facebook</i>	42

1 INTRODUÇÃO

O século XXI trouxe com ele uma transformação no modo que recebemos as informações. Hoje, além do método formal, a internet e em especial as redes sociais, nos fornecem uma grande quantidade de informações e, por consequência, se transformou em um espaço não-formal de educação. Junto com essa onda tecnológica crescente, movimentos ambientais e sociais, como a questão de gênero por exemplo, também vêm ganhando destaque tanto dentro quanto fora das redes sociais.

O movimento feminista vive uma onda de crescimento nos últimos anos e após a Primavera Feminista no ano de 2015 podemos perceber que a internet trouxe novas formas interacionais, de estudo e militância. Com a informação acessível à poucos cliques, as mulheres puderam se identificar, dentro do movimento, com as mais variadas vertentes feministas.

O Ecofeminismo é uma destas vertentes que traz um olhar feminista às questões ligadas ao Meio Ambiente. Questiona as opressões e explorações femininas em especial ligadas à natureza, preservação ambiental, saúde e consumo.

O movimento feminista tem um princípio de sororidade. Colocar-se no lugar da outra, empaticamente e, perceber que cada mulher enfrenta seus desafios e lutas na sociedade patriarcal. Ao invés de julgamentos ou enfrentamentos, esse princípio une as mulheres em busca de empoderamento e fortificação pessoal, social e no movimento e assim, as mulheres questionam, debatem, apoiam com menos julgamentos e com sentimentos de irmandade.

Difícil então, dissociar as novas formas de ativismo, ambientais e sociais, das redes. Hoje, boa parte das interações se dão pelas *redes sociais*. Mulheres com interesses em comum, que questionam o modo de vida da sociedade de consumo, patriarcal e exploratória conseguem se encontrar *on line*, no *Facebook*®, e interagir através dos grupos. Esses espaços permitem interações atemporais e sem limites geográficos.

Diversos destes grupos, estão dentro da vertente Ecofeminista. As questões ambientais e de saúde tem uma presença forte dentro do feminismo, entretanto poucas se reconhecem como ecofeministas, em função do pouco conhecimento sobre a própria existência dessa vertente. Mesmo assim, mulheres que destacam essas

questões no seu dia a dia se encontram em grupos exclusivamente femininos e colaborativos para abordar esses temas.

Também a Educação Ambiental não é mais que questionar as relações humanas e a sociedade de consumo e buscar alternativas frente aos problemas enfrentados. É através dela que se conhece, estuda e se tenta a transformação de pensamentos, valores e comportamentos voltados à sustentabilidade.

Visto que nesses grupos há uma grande concentração de leituras e debates que ocorrem à todo o momento, muita informação chega até as mulheres que acessam esses locais e então questiona-se se essas redes sociais podem ser vistas também como ferramentas de Educação Ambiental que seja de fato, transformadora.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Diagnosticar as possibilidades das redes sociais, em especial os grupos de facebook com viés ecofeminista, de transformação e educação ambiental.

1.2.2 Objetivos específicos

Dentro disso, analisar se os grupos funcionam como redes de sororidade e empoderamento entre mulheres e trazem conhecimentos relevantes.

Verificar se as mulheres mudaram alguma coisa em relação a visão mulher-natureza e como se comportam com seu corpo, sua saúde, seus modos de consumo e se há uma maior preocupação com relação as questões ambientais após o acesso e as trocas dentro dos grupos.

Além de receptoras, se essas mulheres atuam como agentes de educação ambiental fora das redes sociais, na sua família, trabalho, estudos, comunidade, transmitindo para outras mulheres seus conhecimentos fora da internet.

Divulgar e permitir que outras mulheres também possam acessar esses dados, e realizar a produção de uma lista de grupos das mais variadas áreas com o viés ecofeminista e postar nos grupos de *Facebook* acessados pelas mulheres.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A QUESTÃO AMBIENTAL E AS RELAÇÕES HUMANAS

O ser humano é como um todo, complexo (MORIN, 1987). As suas relações sociais, culturais, físicas, individuais, biológicas fazem parte do *uno* do ser e onde uma questão tem influência sobre as outras, construindo uma relação de complexidade. Os problemas ambientais também são ditos complexos e não devem ser vistos como isolados, mas sim interdependentes e interligados. O modo de vida capitalista, que foca na exploração dos recursos naturais e também do ser humano, com ênfase aqui na exploração feminina, aprofunda a destruição ambiental.

A questão ambiental surge então, com uma ideia de preservação e desenvolvimento sustentável. Trazendo questionamentos sobre o modo de vida da sociedade, modos de produção e consumo, incluindo as questões humanas. Surge então, a Educação Ambiental que visa, “à superação das injustiças ambientais, da desigualdade social, da apropriação capitalista e funcionalista da natureza e da própria humanidade” (SORRENTINO, 2005. p.287).

Historicamente, a filosofia já questionava as relações do ser humano com a natureza. O antropismo é a doutrina filosófica que considera o homem contrário à natureza, a chamada ‘natureza humana’ é questionada e os “instintos” colocados em uma posição de inferiorização em relação ao homem culto e controlado. Com o iluminismo e a valorização da cultura e do conhecimento o homem se afastou cada vez mais da natureza, buscou-se qualificar o homem como um ser que se distancia e rompe com o natural, possuindo o domínio sobre o mesmo. Além disso, a medida que a ideia de natureza humana foi ligada à ideia de ir contra a transformação social e a ideia de progresso, o homem, para transformar-se, não poderia ter uma natureza humana (MORIN, 1991).

Esse paradigma cultura/natureza acabou por afastar a sociedade capitalista e patriarcal da ligação com o meio ambiente. Tanto que outros povos, como os indígenas, considerados selvagens ou menos humanos, possuem uma maior conexão com o natural, os deuses, alimento, reprodução e a própria cultura parecem

inseparáveis à natureza. E, esses grupos, passam uma imagem mais ecológica e sustentável que os povos ocidentais (CARVALHO, 2001).

As concepções sobre o ambiente natural e as relações do ser humano com o mesmo, sofreram alterações significativas no curso da história, reflexos do contexto cultural, econômico e social de cada época.

O modo como hoje se leva a sociedade, trabalho, relações e consumo, pode trazer consequências. Decisões tomadas a partir de previsões ditas civilizadas e controláveis apresentam riscos que podem ser na verdade consequências imprevisíveis (BECK, 2006). Mesmo assim, como o risco não é algo exclusivamente negativo, passa um certo controle por parte de governantes e da ciência para tomar decisões a partir de previsões.

A questão é que certos grupos ou sociedades sofrem mais essas riscos e consequências que outros. As escolhas feitas em uma sociedade exploratória capitalista trazem riscos como pobreza, fome, catástrofes ambientais, exploração humana e outros que para uma visão nacional ou global nada mais são que processos que precisam de outros estudos, previsões e ações para serem alterados de fora.

Atualmente, seguir na direção de uma sociedade sustentável é enfrentar uma série de obstáculos, na medida em que a própria sociedade ainda não questiona as implicações do modo de vida que se leva hoje. As causas dos danos ambientais são atribuídas para as instituições sociais, aos sistemas de informação e comunicação e aos valores adotados pela sociedade. Para haver avanço, faz-se necessária a participação ativa da sociedade para que ela mesma possa identificar os problemas, objetivos e soluções, a mudança no acesso às informações e transformações no próprio Estado (JACOBI, 2003).

Não se pode então, separar as questões humanas das ambientais. Nesse viés, a ligação mulher-natureza torna-se uma questão do feminismo. Compreender que tanto as mulheres quanto a natureza recebem tratamentos de inferiorização, subjugação e exploração na sociedade contemporânea. Por isso, a ligação mulher e natureza e os motivos que as consideram inferiores são assunto muito atuais e que parecem estar intimamente ligadas às questões de degradação ambiental (DI CIOMMO, 2003).

2.2 MEIO AMBIENTE E MULHER: O ECOFEMINISMO

As mulheres pobres do Terceiro Mundo, que vivem em uma economia de subsistência, são as maiores vítimas da crise ambiental em seus países, pois são as primeiras a sentirem o reflexo da diminuição da qualidade de vida causadas pela poluição ou escassez dos recursos naturais, os quais são explorados indiscriminadamente para satisfazer as “necessidades” do Primeiro Mundo (ANGELIN, 2006). Além disso, são as mulheres que recebem de forma atrasada “novas tecnologias” e trazem aquele estilo de vida consumista do primeiro mundo para um ambiente que não comporta tamanha exploração.

Se antes eram considerados libertadores da mulher, hoje o uso de cosméticos, pílulas contraceptivas, absorventes de algodão é questionado por diversas correntes tanto feministas quanto ambientais. A exploração das grandes companhias cosméticas, farmacêuticas entre outras pode trazer, além de problemas de saúde, opressão por subjugar a mulher em determinados padrões físicos e comportamentais. As mesmas empresas que trazem grandes danos ambientais tanto por explorarem os recursos naturais quanto por poluição ambiental.

Isso acaba refletindo na maneira como a mulher vê o meio ambiente, sua relação com o mesmo e afasta a mulher de si própria e da natureza de maneira destrutiva e perigosa (ESTES, 1995). A mulher não é apenas diferente do homem, mas distinta, porque o biológico é enraizado na sociedade e na cultura e origina a experiência da vivência da condição feminina e os limites entre natureza e cultura se confundem (DI CIOMMO, 2003).

O ecofeminismo surge no final da década de 70, com os movimentos de libertação ambiental e, vira um movimento social de fato no início dos anos 90, ganhando visibilidade com a Conferência do Meio Ambiente e dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro – ECO 92. Além das diversas discussões da Conferência, aconteceu o chamado “Planeta Fêmea”, no Fórum Global. Nesse momento, a importância da preservação do meio ambiente, relação com saúde e ambiente e a problemática das mulheres por sofrerem consequências ainda maiores com a degradação e exploração ambiental recebe grande visibilidade social e política (SILIPRANDI, 2000).

Val Plumwood (1993) inclui o ecofeminismo na chamada “terceira onda do feminismo”, onde questões de gênero, raça, econômicas e ambientais entram em debate. O ecofeminismo é também um movimento político social que representa as

mulheres que desejam superar a desvalorização da natureza e sua exclusão da cultura de uma maneira que as coloca lado a lado com a natureza. Essa vertente do feminismo leva em conta que apesar da mulher e da natureza serem inferiorizadas e que existe um dualismo natureza-cultura, onde a cultura seria superior à natureza, podemos aceitar a conexão mulher– natureza, participando da cultura, reconhecendo que a desvalorização da vida tem consequências profundas para a ecologia e as mulheres (KING, 1989).

O ecofeminismo é, portanto, incorporar a visão das mulheres na problemática ambiental, é uma luta social que se opõe contra a dupla exploração capitalista e patriarcal do ecossistema e das mulheres, que se direcione para um ponto de encontro para o desenvolvimento sustentável (ANGELIN, 2014). Essa relação entre o gênero feminino e a luta incansável pela defesa ambiental, não se trata simplesmente de um modismo surgido nas últimas décadas e sim do crescimento das questões ambientais no seio do feminismo (DI CIOMMO, 1999). Uma vertente do feminismo, considerado radical, traz à tona questionamentos sobre pontos que hoje chamamos tecnoentusiasmas (PULEO, 2010) e, busca uma alternativa frente aos tratamentos médicos e de grandes corporações farmacêuticas.

O paradigma apresentado pelo ecofeminismo elucidada não só a relação entre mulher e natureza, mas também os outros mecanismos opressores de gênero, classe e meio ambiente. Promove também os valores de ética e cuidado do ser humano para com a natureza e o conhecimento natural não subjugado ao cultural, mudando a “percepção arrogante” da cultura superior à natureza e assumindo uma “percepção amorosa” com o meio ambiente (PLUMWOOD, 1993)

É importante ressaltar que, nem todas as mulheres são sensíveis, cooperativas e solidárias com a natureza, o que é demonstrado em nosso cotidiano, apesar das conexões estabelecidas entre a subordinação histórica de ambas (RAO 1991) e forçar uma conexão entre elas pode também se configurar em uma forma de opressão.

O Ecofeminismo vai de encontro à crise de valores da sociedade patriarcal, consumista e individualista. O ativismo ecológico oferece as práticas agroecológicas, a defesa dos animais, a criação de redes de produção, distribuição e consumo ecológicas e solidárias, a luta por territórios e bens naturais, a reciclagem, e a educação ambiental, difundida pelas mais variadas vias, da Educação Formal até as redes sociais (PULEO, 2012).

O movimento feminista pratica a sororidade. Elimina-se entre as mulheres toda a forma de opressão, transforma as relações conflituosas e busca destruir a mentalidade misógina e assim potencializar e empoderar cada mulher. O feminismo não é uma luta de uma só mulher, mas sim de todas juntas.

O feminismo traz essa noção de sororidade, uma aliança entre mulheres, uma rede feminina (FOUGERYOLLAS-SCHWEBEL, 2009). Na era da informação, as redes tem surgido como protagonistas das organizações dos processos sociais (CAPRA, 2002). Com o desenvolvimento dos meios de comunicação e principalmente da internet, as relações sociais são atemporais e ultrapassam o espaço físico e geográfico e se manifestam nas redes sociais.

O ano de 2015 foi considerado o ano da “primavera feminista” no Brasil, o tema invadiu as ruas, as conversas, as redes sociais e, principalmente a vida das mulheres. Muitas mulheres descobriram e se descobriram feministas e o tema invadiu a Internet, as redes sociais viraram um campo de discussões sobre o tema e muitas mulheres se uniram em grupos comuns.

2.3 REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

As redes sociais são um espaço que permite a criação de um perfil público ou semi privado, o ponto principal é a interação com perfis de outras pessoas, é possível então construir uma rede baseada nos interesses, pessoas e ambientes que cada usuário possui. Essas interações podem ser atemporais e sem limites geográficos. É um conjunto de utilizadores que participam de forma autônoma dentro de um quadro de interesses partilhados (GARCIA, 2011).

Uma nova possibilidade metodológica de ensino aparece(COSTA & FERREIRA, 2012), considerando suas formas interativas, autônomas, colaborativas e cooperativas, as redes sociais aparecem como uma ferramenta inovadora no processo ensino-aprendizagem (MERCADO & OLIVEIRA, 2013).

O Facebook é umas das redes sociais mais utilizadas no Brasil. Ele permite a troca de mensagens, fotos, textos, criação de grupos como fóruns e chats. Muitos desses fóruns, organizados na forma de grupos são compostos apenas de mulheres, neles, elas trocam informações sobre os mais variados temas, muitos deles voltados para a saúde da mulher e questões de natureza/mulher.

Esse tipo de rede, cria um cenário de interação e educação, unindo o virtual, o socioeconômico, o político e o ambiental, criando também o chamado sujeito ecológico que se expressa e dialoga usando essas tecnologias. Cria-se assim o modelo de Educação Ambiental de *Alta Defenição*, onde Gutierrez-Peres (2010, p. 27) acrescenta:

Entretanto, esse tipo de Educação Ambiental acaba tendo o que é chamado de “baixa voltagem”, ou seja, uma baixa capacidade de transformação real das organizações, comportamentos, atitudes e dos estilos de vida contribuindo para uma estrutura de identidade superficial, onde as pessoas recebem muita informação e se comunica muito mas é isenta de compromisso real e pouco muda sua realidade.

Apesar das muitas informações consideradas fracas ou até mesmo que induzem à ideias erradas, as práticas culturais significativas e produtos de interações coletivas se manifestam de dentro para fora dos grupos sociais, podendo até se tornar universais (NUNES, 2011).

As mídias sociais são consideradas TIC's – Tecnologias de Informação e Comunicação e são, muitas vezes, utilizadas como ferramentas informais de educação, construindo saberes coletivos. Mesmo o uso principal dessas mídias estando ligado ao lazer, as informações compartilhadas também possuem foco informacional e extravasam as informações das mídias mais formais como jornal e tv.

Utilizar os recursos familiares das redes sociais para construir o conhecimento ativamente (MINHOTO, 2012) motiva uma participação maior de todos, aprendizes ou não na composição das ideias (ZANCANARO et al., 2012). Para tanto, o facebook já vem sendo utilizado como um recurso educacional (MARCON, 2012.; PATRÍCIO, 2010.; NOGUEIRA, 2011).

Hoje os grupos dentro das mídias sociais possuem a facilidade de trocas de informações quase que de maneira imediata com outra pessoa em qualquer lugar do planeta além de permitir consultar experiências antigas de participantes do grupo. Pode-se postar vídeos, links para páginas, enquetes, artigos, textos e as mais variadas mídias. Uma forma de transmissão de educação informal e que, de acordo com Kenski (2003), há duas possibilidades de interação no ambiente virtual: a síncrona e a assíncrona. A primeira refere-se àquela que ocorre em tempo real, imediato; na segunda, as pessoas se relacionam no tempo em que eles acharem o mais adequado ou quando surgir o interesse por determinado assunto.

Dentro do facebook, os grupos ganham mais uma finalidade, a sororidade. A *Folha de São Paulo*TM abordou, em 2016, alguns grupos de irmandade entre mulheres, sobre sexo, feminismo, apoio ao câncer, empoderamento e situações de apoio que aconteceram a partir desses encontros entre as usuárias. O jornal *Hoje em dia*TM em 2016 e o site *Uol*TM, em 2017 citam também os grupos sobre economia e finanças femininas.

A mulher feminista e com acesso frequente à rede consegue acessar diversos destes grupos que são, em sua maioria, exclusivamente femininos. É possível fazer uma busca ou através de outros membros participar de grupos de interesses da usuária. Em especial, os grupos com viés feminista oferecem além de fontes de pesquisa, discussões e o princípio de sororidade, uma busca para que as mulheres tenham mais conhecimento e assim empoderamento e irmandade. Nesses grupos, se discutem os problemas sociais e ambientais que a mulher enfrenta na sociedade patriarcal e alternativas para a sociedade de consumo.

Nesse viés e, considerando os alcances e limites das redes, os usuários atuam como agentes produtores e receptores de informações e de alguma maneira reflete nos seus comportamentos e visões sociais. A educação ambiental utiliza-se desses meios e é componente de uma cidadania abrangente, por isso está ligada a uma nova forma de relação ser humano (aqui em especial a mulher) /natureza.

A Educação Ambiental é um dos instrumentos que busca promover mudanças nas pessoas, nos seus pontos de vista, escolhas e modo de vida, tenta transformar a falta de interesse dos desconhecedores em informação em atores e produtores de soluções, tirar do desinteresse e trazer a responsabilidade sobre as ações. Para que essas novas formas de relação levem à novos comportamentos elas devem estar inseridos nos contextos de valores sociais (JACOBI, 2003), como o feminismo.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Para iniciar a investigação a primeira etapa constitui-se em encontrar grupos no Facebook que fossem exclusivamente femininos ou de grande maioria feminina, além disso deviam ser grupos com um número considerável de membros e que fosse ativo, com mulheres utilizando os fóruns diariamente.

Mulher feminista e militante do movimento, a pesquisa já participava de diversos grupos desse viés, como leitora principalmente. A partir destes e perguntando para mulheres que também se utilizam dessas ferramentas sociais se pode fazer um levantamento de grupos que seguissem as premissas.

Três grupos tiveram destaque por serem de grande atividade diária e foram escolhidos para aplicar o questionário. O grupo “Adeus Hormônios: Contraceção não-hormonal” com mais de 7 mil membros, “Naturebismo das minas” com mais de 4 mil membros e “Percepção da Fertilidade e Contraceção Natural” com mais de 15 mil membros;

- Adeus Hormônios: Contraceção não-hormonal: Grupo 100% feminino e colaborativo. Aborda e questiona o uso de hormônios contraceptivos e traz além das discussões, formas mais naturais de contraceção como alternativa.

- Naturebismo das minas: Grupo 100% feminino e colaborativo. Trata de discussões sobre o uso e consumo de produtos naturais, alimentação saudável, consumo consciente, saúde feminina natural entre outros.

- Percepção da Fertilidade e Contraceção natural: Grupo 100% feminino e colaborativo. Ajuda as mulheres à perceberem os sinais e alterações que ocorrem dentro do ciclo menstrual em especial os sinais de fertilidade, além de tratar sobre métodos contraceptivos não hormonais.

Após conversa com as moderadoras dos grupos, foi autorizada a aplicação de um questionário (APENDICE A) que apresenta treze questões de sim ou não, múltipla escolha e de frequência. As questões de frequência classificavam as respostas em números de 1 (um) à 10 (dez), onde 1 representam opiniões/experiências baixas ou quase nulas e 10 uma alta frequência ou concordância.

O questionário foi montado online na ferramenta do *Google® Forms*. A plataforma da *Google®* inclui uma variedade de aplicativos, um deles é o *Forms*, esse aplicativo online permite a criação e divulgação de formulários, questionários e entrevistas que são produzidos na própria plataforma e podem ser divulgados com

links ou compartilhados via e-mail, blogs entre outros. Após o questionário finalizado foi postado nos grupos escolhidos para que as participantes pudessem responder.

Os dados foram coletados durante a segunda semana de Novembro de 2017 e tabelados na própria plataforma *Google®*. Além dos dados estatísticos, as entrevistadas poderiam expressar de forma escrita opiniões ou informações que acreditassem relevantes acrescentar, esses testemunhos foram lidos e analisados e alguns trechos destacados foram selecionados para corroborar discussão.

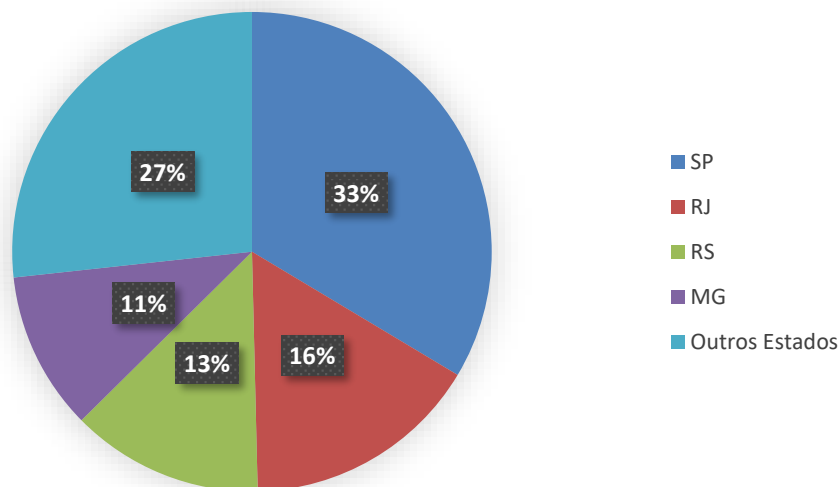
A segunda parte do trabalho consistiu em, após a aplicação dos questionários, produzir uma lista de grupos que se enquadrem na linha ambiental e que sejam considerados feministas. Na listagem, nome, link do grupo e uma pequena resenha que caracteriza cada interesse dos grupos (APENDICE B).

Com as análises do uso dos grupos e a listagem dos mesmos, o material foi divulgado para os grupos de maneira através de um link dentro do *GoogleDocs®*. Criou-se um arquivo público e editável com a listagem. Essa ferramenta permite que todas as mulheres que compartilharem o link podem acessar a lista e, de uma maneira colaborativa, as participantes podem adicionar outros grupos que elas consideram relevantes ao movimento.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário foi respondido por 157 mulheres. Dessas, 134 responderam de que locais acessam a rede, 44 (34%) acessam de São Paulo, 21 (16%) do Rio de Janeiro, 17 (13%) do Rio Grande do Sul, 14 (11%) de Minas Gerais (Gráfico 1), destaca-se ainda, uma de Queensland, Austrália, uma da Espanha e uma da Suécia.

Gráfico 1 – Locais de onde as mulheres acessam à internet

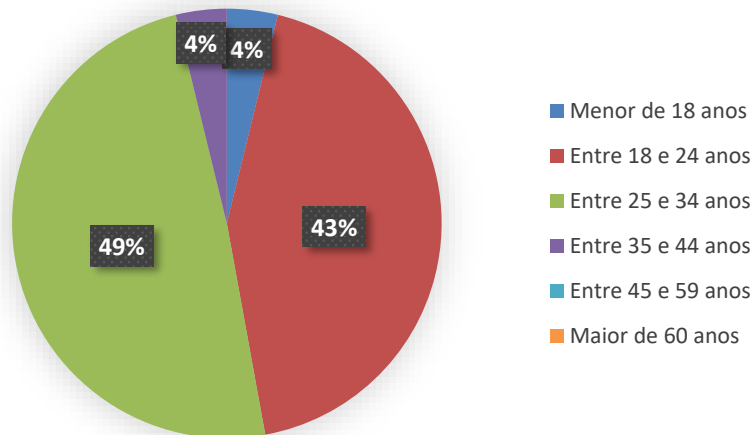


Fonte: KUHN, B. 2018.

A idade média das entrevistadas ficou entre 18 e 24 anos com 43,3% e 25 e 34 anos com 49%, nenhum membro com mais de 45 anos respondeu o questionário (Gráfico 2). Além disso, a maioria já teve acesso às universidades com 57,3% possuindo ensino superior completo e 32,5% com o superior ainda incompleto.

Isso traduz o perfil das usuárias de internet do país atualmente, jovens principalmente entre 20 e 35 anos acessam mais a Internet que pessoas mais velhas e pessoas que possuem acesso ao Ensino Superior apresentam mais chances de ter acessado as redes e ter frequência de acesso (CGI, 2016; IBGE, 2014). Ou seja, os grupos são utilizados por mulheres começando a vida adulta, com acesso ao Ensino Superior em sua maioria e, com muito mais facilidade e conhecimento do uso das redes sociais, principalmente para os meios educativos ou informativos, do que mulheres mais velhas, que no geral parecem utilizar as redes sociais mais para lazer.

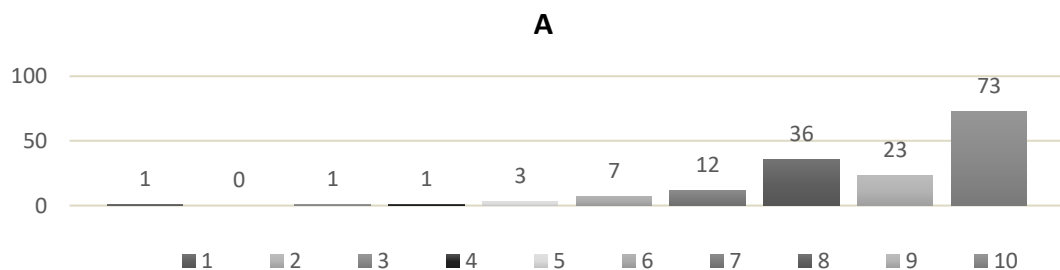
Gráfico 2- Idades das entrevistadas

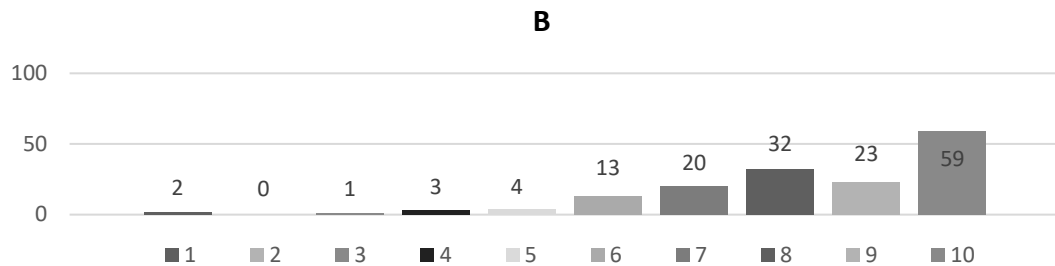


Fonte: KUHN, B. 2018

A Internet é uma ferramenta utilizada com muita frequência para responder dúvidas por 63,1% das entrevistadas e 28,2% visita com frequência grupos de *Facebook*®. Das mulheres entrevistadas, 46,5% acredita na internet como uma ferramenta de educação e 37,6% concordam que os grupos também podem ser uma forma de educar e aprender. (GRÁFICO 3). Ainda, 60,5% das entrevistadas afirmam que, sem a internet, as informações chegariam a elas com menos facilidade.

Gráfico 3- Respostas para as perguntas: A: Você acredita na Internet como ferramenta de Educação? e B: Você acredita que grupos no *Facebook*® podem ser uma ferramenta de Educação?





Fonte: KUHN, B. 2018. As perguntas dos gráficos A e B ofereciam respostas de frequência, onde 1 (um) representa pouca frequência e vai até 10 (dez) com muita frequência.

O aumento do uso da internet no cotidiano das pessoas corrobora o fato de que hoje as TICs são uma opção de educação de cada vez mais e maior acesso, nota-se que as pessoas acreditam sim na possibilidade de usar a internet para educar como mostra o gráfico A (GRÁFICO 3), entretanto vemos no gráfico B (GRÁFICO 3) que parece haver uma resistência maior das entrevistadas em usar as redes sociais não apenas para lazer, mas como uma maneira de buscar informações .

Mesmo assim, a maioria das mulheres parece compreender as limitações geradas por esse tipo de produção de informações, alguns trechos mencionados pelas entrevistadas como “*Você nunca sabe se aquilo que você lê é verdadeiro. Você precisa saber procurar e saber separar o que pode ser boato do que é verdadeiro [...]*” ou preocupações com as referências como outra entrevistada trouxe “*Nem sempre as informações são citadas*”.

Uma das grandes limitações são a valorização dos “achismos” e a produção de pseudoinformações uma vez que a rapidez das redes e das trocas de informações superam a velocidade humana de produzir informações autenticamente novas (MERCADO, 1999). A escassez de fontes confiáveis e a falta de busca por fontes acaba gerando uma informação que é muitas vezes rápida, mas nem sempre correta.

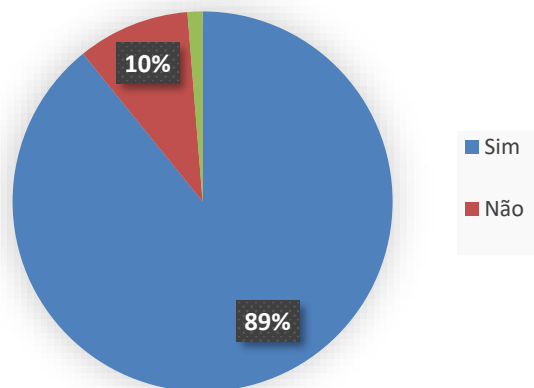
Além disso, a *Internet*, por ser uma rede que permite com que cada um acesse de um local diferente, sem contato físico, e permite que muitas pessoas mal intencionadas circulem pela rede. E claro, um grande problema da atualidade é a falta de tolerância entre as pessoas, que não escapa da internet que tem se tornado uma veiculadora de ofensas e intolerância.

Mesmo assim, os grupos acabam passando segurança para as usuárias por, em sua maioria, possuir uma moderação que controla a entrada de novos membros e publicações, permitindo que as mulheres se sintam confortáveis para perguntar e

como citou outra entrevistada “*A vantagem é a troca de experiência, dependendo da dúvida ou da insegurança já dá um alívio só de saber que outra mulher passa pela mesma situação*”.

Apesar da maioria, 89,2% das entrevistadas, se considerar feminista (GRÁFICO 4), 72% das mulheres não conhece o conceito de ecofeminismo (GRÁFICO 5). Esse grande número de mulheres que se dizem feministas teve um grande aumento a partir do ano de 2015, onde aconteceu a chamada *primavera feminista* e a Internet foi a grande disseminadora e possibilitou que muitas mulheres aprendessem e se identificassem com o feminismo.

Gráfico 4- Resposta para a pergunta: “Você se considera feminista?”



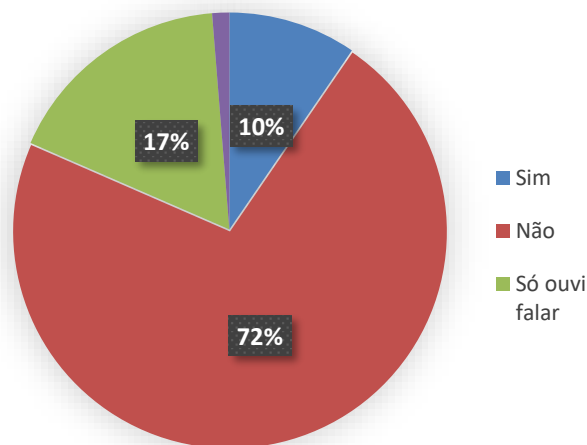
Fonte: KUHN, B. 2018.

Isso pode ser notado nas falas das mulheres, a importância de estar próxima de outras mulheres e suas experiências “*O melhor que vejo nos grupos é o apoio, troca de experiências, ótimos para tirar dúvidas*” e como citou outra entrevistada: “*Iniciei a pouco, porém estou achando muito enriquecedor ver os relatos das meninas, pois vejo que não sou a única a passar por determinados medos e aflições. Além de entender que existem muitas coisas que eu ainda preciso aprender sobre o meu corpo, já que antes do grupo nem me ligava em sinais que este podia estar dando quanto a minha saúde*”.

Além da identificação entre as mulheres e a descoberta de experiências que tem em comum, a corrente feminista traz o desejo de ajudar e fazer a vida de outras mulheres também melhor, traz uma preocupação para com o corpo e a mente da outra

mulher e com a dominação da sociedade moderna sobre a mulher e sua naturalidade. Uma entrevistada resume: *“É vantajoso para trocar experiências com mulheres de todos os tipos, ajuda com coisas que podíamos achar que era só conosco e nos grupos descobrimos que é normal. E pessoas podem ajudar de verdade por não terem influência para indicar algo além do que funciona, como médicos por exemplo, que muitas vezes receitam remédios por lhes ser conveniente e nem sempre tratam a causa do problema. Os grupos ajudam a deixar as pessoas mais informadas, não necessariamente substituem uma consulta médica, mas permitem que as pessoas não sejam totalmente leigas sobre seu corpo e assim, não sejam tão facilmente influenciadas. Os grupos também melhoram a relação da mulher com o próprio corpo, que muitas vezes é visto como nojento (por causa de fluidos, menstruação, etc.) e com a conversa e debate sobre essas situações passa-se a conhecer melhor o corpo feminino e ver que não é tudo como se pensava”*.

Gráfico 5- Respostas das entrevistadas para a pergunta: Você conhece o que é Ecofeminismo?



Fonte: KUHN, B. 2017

O auto conhecimento e o desejo de que outras mulheres se libertem e conheçam sobre si, sua saúde e sobre o ambiente que vivem empoderam essas mulheres e elas se conectam mais com o seu feminino, como uma entrevistada relatou: *“[...]E sou muito feliz, além de fomentar trabalho feminino, fiz grandes amigas e recebi muita energia positiva. Por fim (dessa experiência que desejo compartilhar, pois tenho mais histórias muito positivas), aprendi coisas muito importantes sobre*

relacionamento abusivo e empoderamento e hoje sou muito mais consciente de quem sou e o que quero ter...”.

Além de funcionar como uma rede de ecofeminismo, objetivou-se saber se além das informações veiculadas e das trocas, as mulheres mudam significativamente algum hábito, suas posições ou se começaram a se preocupar mais com o Meio Ambiente e Natureza após o contato com os grupos e quais seriam essas mudanças (Gráfico 6).

Das entrevistadas, apenas duas dizem não ter mudado nenhum comportamento mesmo estando nos grupos. As maiores preocupações parecem estar ligadas principalmente à saúde e ginecologia menos invasiva e mais natural. As maiores mudanças foram em relação à escolha de contraceptivos – preferência pelos livres de hormônios, uso de coletores menstruais e alimentação mais natural e saudável.

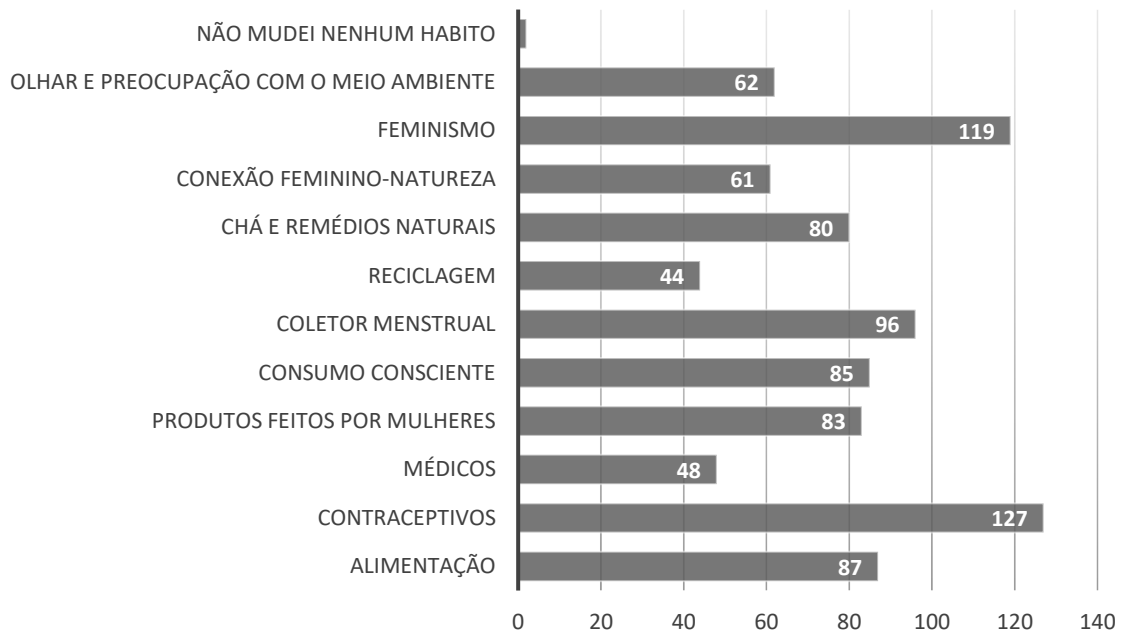
Uma escolha por esse tipo de comportamentos questiona as explorações femininas e da natureza. Buscar uma alternativa frente aos médicos e grandes laboratórios farmacêuticos é um questionamento que vem do coletivo, do movimento feminista há um certo tempo, um exemplo é o coletivo de mulheres de Boston que produziu uma cartilha online e informativa com temas relacionados à saúde e o Meio Ambiente (OBOS, 2017). As mulheres optam por não mais utilizar, por exemplo, hormônios que são muito prejudiciais para o corpo mas também gravíssimos para o meio ambiente, pois além da sua produção, eles são frequentemente indicados para mulheres - muitas vezes sem necessidade – e acabam sendo liberados através da urina nos esgotos, chegando até os ecossistemas aquáticos e causando, por exemplo, a feminização de peixes (BIZARRO, 2014).

Consumo consciente, de produtos orgânicos, artesanais e/ou naturais, e reciclagem também aparecem como pontos que foram alterados por elas que também parecem optar por produtos que sejam manufaturados por mulheres. O feminismo aparece para mais de 75% das entrevistadas e que, com as questões ambientais também percebeu sua conexão feminino-natureza e quase 40% das mulheres se diz mais conectada consigo mesmas e seu feminino, além de um olhar mais preocupado e sensibilizado para a Natureza.

Outra questão interessante é o fato de que boa parte das mulheres diz que antes dos grupos já se considerava feminista e já tinha muitas das intenções e inclinações antes mesmo do *Facebook* mas que, foi o acesso e a troca entre as

mulheres que permitiram uma informação relevante que levasse à mudança efetiva de fato (Gráfico 7). E por isso, 63,1% das mulheres acessa os grupos apenas como leitoras e receptoras e não acrescentam conteúdos aos grupos.

Gráfico 6 – Os hábitos que as entrevistadas dizem ter modificado

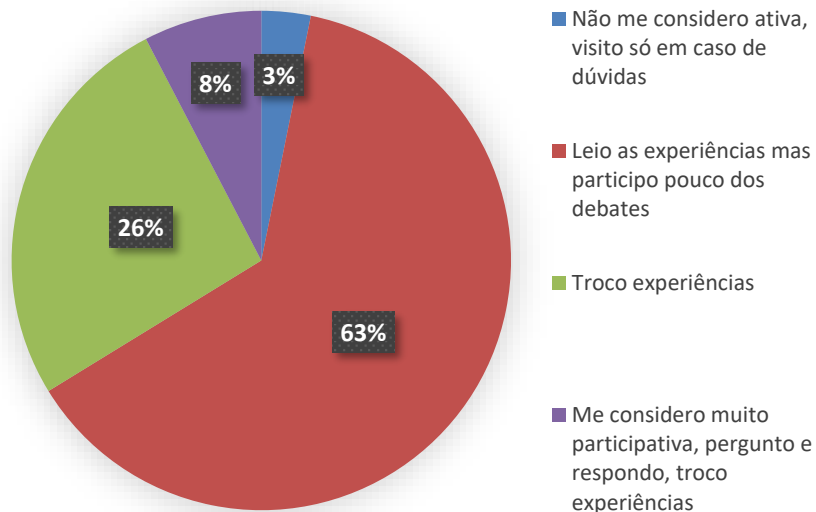


Fonte: KUHN, B. 2017

Assim, esses grupos se aproximam muito do movimento Ecofeminista, unificando as mulheres em torno de um propósito ambiental e humano. A informação e os conhecimentos trocados figuram uma Educação Ambiental que é também política e um movimento social. Novas propostas de tecnologias limpas, consumo consciente e mais surgem e se voltam para a proteção da mulher e do Meio Ambiente.

O ativismo realizado pela internet permite que mulheres do mundo todo ouçam e sejam ouvidas, mas apenas se elas tiverem internet. Algumas entrevistadas também lembraram desse limitante “A vantagem é poder falar pra milhões de mulheres no mundo todo e a maior desvantagem é que quem mais precisa disso não tem acesso”, “Esse tipo de comunicação acaba não chegando na periferia”. Somado à isso, os grupos possuem muitas informações pessoais e íntimas dos membros e por isso, a maioria dos grupos é *fechado* ou *secreto* e isso também dificulta o acesso livre ao conteúdo compartilhado.

Gráfico 7- Como as mulheres consideram sua atividade nos grupos do Facebook

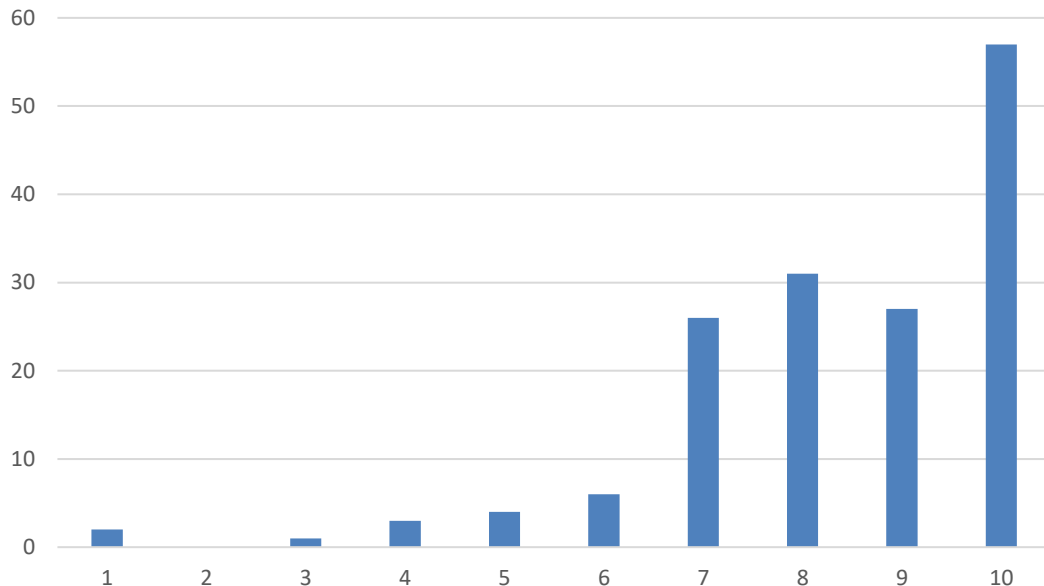


Fonte: KUHN, B. 2018

Mesmo assim, a maioria das entrevistadas diz levar o que aprendeu online para fora da tela, transmitindo na sua família, trabalho e comunidade os conhecimentos e experiências vindos dos grupos (Gráfico 8), por isso, o virtual pode ser o caminho para mulheres que possuem escolaridade e não têm disponibilidade para ir às ruas militar, já os espaços presenciais podem fazer pequenas revoluções em bairros e grupos específicos de mulheres (BARBOSA, 2015)

Uma entrevistada resumiu o que é educar e aprender na internet, com um viés feminista e ambiental através das redes sociais: “Os grupos são, como a internet em geral, um mar de informações sem nenhum filtro. Aprender por meio deles demanda autonomia, discernimento e checagem constante de informação com outras fontes. Vejo como vantagens o fato das mulheres e meninas se sentirem muito à vontade pra fazer todo tipo de pergunta, colaborar na busca por respostas assertivas, e de mulheres que são profissionais nas áreas de cada grupo poderem fornecer informações técnicas que nem sempre estão acessíveis para todos os públicos”.

Gráfico 8- Frequência que as entrevistadas afirmam passar as informações do grupo para além da *Internet*. 1- pouco e 10- muito



Fonte: KUHN, B. 2017

Os grupos do Facebook, em especial os com o viés ecofeminista, aparecem como uma alternativa para a informação e como uma ferramenta de Educação Ambiental, uma vez que informa, sensibiliza e transforma o ser humano. Por isso, para além da pesquisa, uma lista de Grupos ligados à essas questões também foi produzida a fim de guiar mulheres que tenham interesse e queiram se informar e trocar experiências com outras mulheres (Apêndice B).

Como essa pesquisa foi um estudo das relações feministas dentro das redes sociais, a lista (APENDICE B) está publicada no *GoogleDocs*® e é colaborativa, ou seja, todas as mulheres que receberem e compartilharem o link com outras mulheres podem editar e adicionar novos grupos que participem. Assim, as mulheres poderão aumentar suas redes com o princípio da sororidade, fortificar o movimento ecofeminista.

6 CONCLUSÃO

A internet e as redes sociais colocam essas questões como protagonistas de muitas discussões na rede as questões ambientais e as relações humanas. A internet, em especial as redes sociais, tornaram-se ferramentas de conhecimento, pesquisa, troca de ideias e de sororidade feminina. Surge então um movimento de ativismo realizado através das redes, promovendo mobilização de sujeitos, liberdade de expressão e de informações não monopolizadas e claro, o compartilhamento de ideias, abrindo um espaço democrático para a construção do conhecimento.

Nessa mesma direção, a Educação Ambiental vem como uma luta para desenvolver atitudes ecológicas nas pessoas e interligar na sociedade a cultura e a natureza. A própria questão ambiental inclui nela as questões de gênero e o feminismo inclui no seu movimento as questões ambientais e a submissão da natureza e da mulher com o ecofeminismo. Por isso a Educação Ambiental é complexa e humana e utiliza das mais diversas formas para internalizar os conhecimentos nas pessoas.

Hoje, existem inúmeros grupos de Facebook, muitas vezes compostos apenas por mulheres, voltados a questões como ginecologia alternativa, consumo consciente e natural, cosmetologia, trocas e escambos de produtos não industrializados, entre outros. Nestes locais, mulheres trocam conhecimentos e vivências com outras mulheres, que já apresentavam desejos de modificar suas atitudes mas faltava o conhecimento e o apoio, encontrados nesses grupos.

Esses grupos se aproximam muito do movimento Ecofeminista, unificando as mulheres em torno de um propósito ambiental e humano. A informação e os conhecimentos trocados figuram uma Educação Ambiental que é também política e um movimento social.

REFERÊNCIAS

- ANGELIN, R. **Gênero e meio ambiente: a atualidade do ecofeminismo**. Revista espaço acadêmico. n. 58. 2006.
- ANGELIN, R. **Mulheres, ecofeminismo e desenvolvimento sustentável diante das perspectivas de redistribuição e reconhecimento de gênero. Estamos preparados?**. Revista Eletrônica Direito e Política, Itajaí, v. 9, n. 3. 2014.
- BARBOSA, Talita Santos. **O feminismo na internet também é importante**. Blogueiras Feministas, 2015. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2015/09/o-feminismo-na-internet-tambem-e-importante/>>. Acesso em dezembro de 2017.
- BECK, U. **Incertezas fabricadas - Entrevista com o sociólogo alemão Ulrich Beck**. Instituto Humanitas Unissinos, 02 jun. 2006. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_Canal=41&cod_Noticia=7063>. Acesso em fevereiro de 2018.
- BIZARRO, C.; ROS, O.; VALLEJO, A.; PRIETO, A.; ETXEBARRIA, N.; CAJARAVILLE, M.; ORTIZ-ZARRAGOITIA, M. **Intersex condition and molecular markers of endocrine disruption in relation with burdens of emerging pollutants in thicklip grey mullets (*Chelon labrosus*) from Basque estuaries (South-East Bay of Biscay)**. Marine Environmental Research. n. 96, v.19. 2014.
- CAPRA, F. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CARVALHO, M. A. **Natureza: o eterno paradigma humano**. Cadernos de campo. São Paulo. n. 7. 2001.
- CGI - Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros : TIC domicílios 2016**. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto. São Paulo. 2017.
- COSTA, A. M. S. N.; FERREIRA, A. L. A. **Novas possibilidades metodológicas para o Ensino-Aprendizagem mediados pelas redes sociais .Twitter e Facebook**. REnCiMa, v. 3, n. 2, p. 136-147, 2012.

DI CIOMMO, R. C. **Ecofeminismo e educação ambiental**. Editora da Universidade de Uberaba; São Paulo: Conesul. 1999.

DI CIOMMO, R. C. **Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade**. Estudos Feministas. Florianópolis. v. 11 n. 2: 423-443, jul/dez. 2003.

ESTES, C. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1995.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, D. Movimentos Feministas. In: HIRATA, H.; LABOIRE, F.; LE DOARÉ, H.; SENOTIER, D. **Dicionário Crítico do Feminismo**. Editora Unesp. p. 144-149. 2009.

GARCIA, Luís Manoel Mendes; FERREIRA, M. J. A rede social Facebook enquanto ferramenta de suporte ao ensino colaborativo/cooperativo. **Revista do Departamento de Inovação, Ciência e Tecnologia**. 2011

GUTIÉRREZ-PÉREZ, J. **Narrativas virtuales para la reconstrucción del Sujeto Ecológico de nuestro tempo**. Santiago: Polis. v.9, n. 27, p. 127-150. 2010.

IBGE. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal : 2014**. IBGE. Rio de Janeiro.2016.

JACOBI, P. **Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118. P. 189 – 205. 2003.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. **Grupos secretos em rede social viram comunidades de apoio entre mulheres**.2017. In: <
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/05/1766587-grupos-secretos-em-rede-social-viram-comunidades-de-apoio-entre-mulheres.shtml>>. Acesso em fevereiro de 2018.

JORNAL HOJE EM DIA. **Grupos secretos na web ajudam a tirar dúvidas e a empoderar as mulheres**. 08/05/2016. In: <
<http://hojeemdia.com.br/almanaque/grupos-secretos-na-web-ajudam-a-tirar-duvidas-e-a-empoderar-as-mulheres-1.382409>>. Acesso em fevereiro de 2018.

KENSKI, V. M. O que são tecnologias? Como vivemos com as tecnologias?
In:_____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papyrus. 2003.

- KING, Y. The Ecology of Feminism and the Feminism of Ecology. In: PLANT, J. **Healing the Wounds: The Promise of Ecofeminism**. Londres: Green Print. p. 18-28. 1989.
- MERCADO, L. P. **Formação continuada de professores e Novas Tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999.
- MINHOTO, P. M. L. V. A utilização do Facebook como suporte à aprendizagem da biologia: estudo de caso numa turma do 12º ano, Bragança: Escola Superior de Educação. **Dissertação de Mestrado em Ensino das Ciências**, 2012
- MORIN, E. **O método**. v. 1: A natureza da natureza. ed. Lisboa: Publ. Europa-América. 1987.
- MORIN, E. **O paradigma perdido: A natureza humana**. Sintra: Publicações Europa- América.1991.
- NOGUEIRA, M. G.; SANTANA, F. B. F. **Ambiente virtual de aprendizagem colaborativa: um novo olhar para Rede Social Facebook**. In: Simpósio Nacional ABCiber, 5. 2011, Florianópolis. Anais do V Simpósio Nacional da ABCiber. Florianópolis: ABCiber, 2011.
- NUNES, M. V. Cultura, cidadania e novas tecnologias: Novas relações sociais. In: OLIVEIRA, Catarina Tereza, Farias; NUNES, Márcia, Vidal. **Cidadania e Cultura digital: Apropriações populares da internet**. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.
- OLIVEIRA, C. A.; MERCADO, L. P. L. **As Redes Sociais como espaço de comunicação e interação entre Professor e Alunos na Educação Superior**. Anais: Associação Brasileira de Educação à Distância. Alagoas, 2013.
- OBOS – Our Bodies Our Selves. Disponível em: <www.ourbodiesourselves.org/health-topics/environmental-health>. Acesso em dezembro de 2017.
- PATRÍCIO, M. R. V.; GONÇALVES, V. M. B. **Facebook: rede social educativa?** In: Encontro Internacional TIC e Educação, 1., 2010, Lisboa. Anais do I Encontro internacional TIC e Educação. Lisboa: ticEDUCA, 2010.
- PLUMWOOD, V. Feminism and Ecofeminism: Beyond the Dualistic Assumptions of Women, Men and Nature. *Feminism and Ecology*. "Society and Nature, Littleton: Aigis, v. 2, n. 1, p. 36-51.1993.

PULEO, A. **Feminismo y ecologia**. Mujeres em Red. El periódico feminista. 2012.

PULEO, A. **Lo personal es político: el surgimento del feminismo radical**.
Mujeres em Red. El periódico feminista. 2010.

RAO, B. **Dominant Constructions of Women and Nature in Social Science Literature**. Pamphlet. n. 2, p. 35-51. New York. 1991.

SILIPRANDI, E. **Ecofeminismo: contribuições e limites na abordagem de políticas ambientais**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre. v. 1, n. 1, p. 61-71, 2000.

SORRENTINO, M.; et al. **Educação Ambiental como política pública**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005.

UOL™- FINANÇAS FEMININAS. Mulheres no mercado de trabalho: a importância do apoio mútuo e sororidade. 08/03/2017. In: <
<https://financasfemininas.uol.com.br/mulheres-no-mercado-de-trabalho-a-importancia-do-apoio-mutuo-e-sororidade/>> . Acesso em fevereiro de 2018.

ZANCANARO, A., SANTOS, P. M., SILVA, A. R. L., BORGES, M. A., BATTISTI, P., SPANHOL, F. J. Redes Sociais na Educação a Distância: uma análise do projeto e-Nova. **Datagramazero**. Rio de Janeiro. v.13, p.5. 2012.

GLOSSÁRIO

Coletor menstrual- Também conhecido como copo menstrual, é um dispositivo utilizado para coletar e armazenar a menstruação internamente. Diferente dos absorventes, que retêm a menstruação, o coletor apenas armazena a menstruação dentro do corpo da mulher, que depois de um determinado período pode esvaziar, higienizar e reutilizar o coletor.

Ecofeminismo- É uma vertente dentro do movimento feminista. Questiona e debate as questões feministas também pelo viés ambiental. Ou seja, debate desde os primórdios da sociedade e das divisões de trabalho entre mulheres e homens na sua relação com a natureza até as formas de exploração patriarcais que atingem tanto à mulher como a natureza, subjugando-as.

Empowerment/Empoderamento- É um movimento político de luta pela equidade, colocar as mulheres como sujeitas ativas de mudança social. Coletivamente, busca-se o fortalecimento das mulheres, pessoalmente, profissionalmente e em sociedade. Assim, a mulher se sente fortalecida para enfrentar a sociedade patriarcal e resiste nas lutas diárias, ao lado de outras mulheres. Uma mulher empoderada toma as rédeas do seu entorno, do seu corpo e das suas relações, tentando quebrar padrões impostos.

Feminismo- É um movimento social. Coletivamente, as mulheres lutam contra a dominação patriarcal, defendendo a igualdade e também as diferenças contra as “injustiças” patriarcais que fundamentam a nossa sociedade.

Militância/Militar- É a atividade de militante, é atuar ativamente na prática a defesa do movimento. Seja em atos públicos, na internet, dentro do espaço de trabalho.

PARADIGMA-

Patriarcado- Na percepção feminista, o patriarcado nada mais é que a dominação masculina. É a formação social onde os homens detém o poder.

Sororidade- É o princípio de solidariedade entre as mulheres. As mulheres buscam compreender os caminhos de cada uma, entender que mesmo com contradições e discussões, unidas podem se proteger e construir o movimento de luta, combatendo a competitividade que é imposta socialmente entre as mulheres.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MEMBROS DOS GRUPOS NO FACEBOOK

Os grupos do facebook e o ecofeminismo

Diversos grupos no facebook vem unindo mulheres com interesses em comum. Esses interesses variam desde abandonar métodos como a pílula anticoncepcional, consumo de produtos, mudanças de hábitos e também empoderamento feminino.

Meu trabalho foca na Educação Ambiental através do viés do feminismo, e uma linha mais específica ainda, chamada Ecofeminismo: uma corrente dentro do movimento feminista que estuda as questões de gênero e natureza.

Pra saber como se relacionam esses grupos com o ecofeminismo e se de alguma maneira reflete na educação ambiental, preparei esse rápido questionário.

*Algumas dessas informações poderão ser publicadas e irão servir de base de dados para o meu trabalho

** Mesmo que qualquer relato ou informação que você responder aqui seja utilizado, seu sigilo está garantido

Obrigada por ajudar!

* Required

1. Idade *

- menor de 18 anos
- Entre 18 e 24 anos
- Entre 25 e 34 anos
- Entre 35 e 44 anos
- Entre 45 e 60 anos
- Mais de 60 anos

2. Qual a sua escolaridade? *

- Ensino Fundamental
- Ensino médio completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo

8. Você acredita que grupos no facebook podem ser uma ferramenta de educação? *

Sinta-se a vontade para citar aqui as limitações que você acredita que os grupos possam ou não oferecer, vantagens, desvantagens, o que você tiver interesse de falar. Ou apenas responda sim ou não. Obrigada!

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

pouco muito

Cite aqui limitações ou vantagens que você acha importante considerar

Your answer

9. Você mudou algum hábito seu em relação a algum(ns) desses? *

- Alimentação
- Escolha de contraceptivos
- Escolha de médicos
- Preferência por produtos feitos por outras mulheres
- Consumo consciente de produtos
- Uso do coletor menstrual
- Reciclagem
- Uso de chás, remédios naturais
- conexão feminino - natureza
- feminismo
- olhar e preocupação sobre o meio ambiente
- Não mudei nenhum hábito
- Other: _____

10. Os hábitos que mudaram tiveram alguma relação com grupos de facebook? *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

pouco muito

Se desejar, conte alguma experiência sua

Your answer

11. Você passa essas informações além das redes sociais *

Considere aqui o quanto você leva as informações para além da tela, para as mulheres da sua família, comunidade, trabalho, estudos, pense aqui no quanto o seu conhecimento é levado para além dos grupos.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Pouco Com frequência

12. Sem a internet essas informações viriam com menos facilidade *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

discordo concordo

13. você se considera membro ativo no grupo? *

- Não, visito só em caso de dúvidas
- Em partes, leio experiências mas não participo
- Sim, troco experiências
- Muito, participo, pergunto e troco experiências com frequência com as mulheres do grupo

Qual o estado/país que você mora?

Your answer

Suas respostas serão parte de uma pesquisa da minha monografia de especialização, seu sigilo estará garantido, *

Sim, eu aceito que minhas respostas sejam utilizadas

APENDICE B – Lista de Grupos em ordem alfabética (atualizada em fev/2018)

Link: <https://docs.google.com/document/d/1Kl1zNjP-5Dn8oRWCcXXgnmy0YGs8rMGhPUc2GlqZK4g/edit?usp=sharing>

**Nota¹: Essa lista está disponível online no [GoogleDocs®](#) e é colaborativa.*

**Nota²: muitos desses grupos são fechados ao público e é necessário solicitar a entrada aos moderadores.*

- **Adeus Hormônios: Contraceção não-hormonal:** Grupo 100% feminino e colaborativo. Aborda e questiona o uso de hormônios contraceptivos e traz além das discussões, formas mais naturais de contracepção como alternativa

Link: www.facebook.com/groups/1640142202894672

- **Coletores Brasil – Menstrual cups:** Grupo 100% feminino e colaborativo. Trata sobre o uso de coletores menstruais, experiências, dicas e informações.

Link: www.facebook.com/groups/ColetoresBrasilMenstrualCups/

- **Das Minas - Rede Colaborativa Para Mulheres:** Grupo 100% feminino e colaborativo. “Este é um grupo dedicado ao compartilhamento de informações, dicas e ideias que ajudam as mulheres a se empoderarem, se fortalecer e ter a sua independência e liberdade. Neste espaço as mulheres se ajudam de várias formas”.

Link: www.facebook.com/groups/diydasminas

- **DIU de cobre:** Grupo 100% feminino e colaborativo. “Este grupo tem como foco informações seguras e confiáveis a respeito deste método contraceptivo, e também troca de experiências”.

Link: www.facebook.com/groups/grupodiudecobre

- **ENTRE NÓS, MULHERES!:** Grupo exclusivamente feminino para tratar dos mais variados assuntos.

Link: www.facebook.com/groups/371329899983100

- **Ginecologia natural:** “Grupo para troca de saberes sobre Ginecologia Natural, autonomia e tratamentos naturais para as mulheres.”

Link: www.facebook.com/groups/511601292276553

- **Ginecologia Natural & Ciclos Femininos:** “Criado para troca de informações sobre Ginecologia Natural, a influência da Lua nos ciclos femininos e métodos alternativos”.

Link: www.facebook.com/groups/538263836351868

- **Mulheres na ciência:** Grupo 100% feminino e colaborativo. Une mulheres cientistas brasileiras para trocar experiências, questionar o modo como a ciência é conduzida no país e informar.

Link: [/www.facebook.com/groups/mulheresnaciencia](https://www.facebook.com/groups/mulheresnaciencia)

- **Naturebismo:** Grupo colaborativo e misto (feminino e masculino). Discorre sobre uso e consumo de produtos naturais e orgânicos, tratamentos alternativos, consumo consciente e produção de resíduos.

Link: www.facebook.com/groups/naturebismo

- **Naturebismo das minas:** Grupo 100% feminino e colaborativo. Trata de discussões sobre o uso e consumo de produtos naturais, alimentação saudável, consumo consciente, saúde feminina natural entre outros.

Link: www.facebook.com/groups/860725597373977

- **Percepção da Fertilidade e Contracepção natural:** Grupo 100% feminino e colaborativo. Ajuda as mulheres à perceberem os sinais e alterações que ocorrem dentro do ciclo menstrual em especial os sinais de fertilidade, além de tratar sobre métodos contraceptivos não hormonais.

Link: <https://www.facebook.com/groups/1589241914660741/>

- **Parto Natural:** “Busca incentivar e resgatar o protagonismo da mulher no processo de parto e nascimento”.

Link: www.facebook.com/groups/partonatural1

- **Sagrado Feminino Curado:** Grupo 100% feminino e colaborativo. É um grupo que estimula a troca de saberes entre mulheres. Compartilhamento de ideias, experiências, sentimentos e espiritualidade e debater e divulgar tratamentos, medicinas e outros ensinamentos femininos.

Link: [/www.facebook.com/groups/1686523891385808](https://www.facebook.com/groups/1686523891385808)